

A VALSA DA MEDUSA

Editora Movimento

1º edição 1990

2º edição 1994

A VALSA DA MEDUSA

ARNALDO CAMPOS

“Tristan Waldvogel chegou ao cais no exato instante em que o vapor para Rio Pardo levantava âncoras. A custo conseguiu chamar a atenção do comandante, seu conhecido, que imediatamente fez suspender a operação, alertando porém que lugar só no convés, que os camarotes estavam todos lotados. Ora, com a pressa que estava, viajaria até em cima das caldeiras, garantiu Tristan. O comandante deu boas risadas com a resposta do passageiro, enquanto o ajudava a subir a bordo com todos os seus pacotes. Em seguida, ordenou aos marujos que enfim podiam zarpar”.

E assim começa, em terras da Província de São Pedro, no século passado, a aventura do soldado Tristan Waldvogel, ex- combatente da guerra contra Rosas. Começa igualmente a grande e fascinante aventura de Valesca de Assis na ficção, via A VALSA DA MEDUSA, romance que a editora Movimento acaba de lançar.

Instalando-se na nova colônia de Santa Cruz, Tristan, o protagonista da história, conhece Pauline, mulher casada e já com quatro filhos, mas que a Tristan estaria destinada, segundo profecia da vidente Claudia. “Sob a epígrafe também romântica do Tristão e Isolda Wagneriano – diz Antonio Hohlfeldt na apresentação da obra – as muitas voltas do destino que vai terminar por aproximar o *brumer* Tristan – tão inquieto quanto a personagem que o inspira – e a conscienciosa Frau Pauline – nome de tantas heroínas dos folhetins do século passado que atravessaram a Europa e chegaram até o Continente de São Pedro, inclusive pelas páginas d’O Guaíba, do também *brumer* Carlos Jansen, que é menção, aliás, desse relato”. E conclui Antonio Hohlfeldt em sua apresentação de A VALSA DA MEDUSA: “O comedimento, a tonalidade certa, o clima bem alcançado, o enredo sob domínio, a medida corrente, enfim, na narrativa, dão à novela de estréia de Valesca de Assis a certeza de que não será ela mais um autor de livro único.

Sem dúvida alguma, e dependendo dos editores, outras obras teremos dessa autora, que enriquece não apenas a galeria de nossos ficcionistas, mas contribui com uma perspectiva sutil própria da sensibilidade feminina, e que tanto nos causa inveja, muitas vezes. Boa estréia, pois, essa de Valesca de Assis, a provocar-nos expectativa sobre novas obras futuras”.

RS – O Jornal do Jockimann

12-13/05/90

Ano 4, nº 191, p.22

Porto Alegre

DIÁRIO DE BORDO

MOACIR SCLIAR

Tenho dito muitas vezes que um dos meios mais promissores para a literatura brasileira é o da ficção histórica: procurando nossas raízes é que vamos entender o país. Pois acabo de ver confirmada esta idéia no romance de estréia de Valesca de Assis, *A Valsa da Medusa* (Ed. Movimento). Nele, Valesca revive os viajantes que passaram pelo Rio Grande e cujo depoimento é tão importante para a compreensão de nossa história; e aborda o tema da colonização germânica através da odisséia de um ex-soldado que vem viver na nova colônia de Santa Cruz. Mais uma voz, lírica e forte, a somar-se aos novos autores gaúchos.

Zero Hora

Revista ZH

13 de maio de 1990

nº 533, p. 05

Porto Alegre, RS

DEMÔNIOS DO CORAÇÃO

Valesca de Assis

A VALSA DA MEDUSA

EUNICE GRUMAN*

Resenha

Um professor, viajantes, mercenários e colonos podem ser tão bons veículos para conduzir um enredo dramático que se revela carregado da inexorabilidade da tragédia quanto os clássicos príncipes e cavaleiros, assim como a Santa Cruz do século passado pode transformar-se na Cornualha do rei Marc, de Tristão e Isolda. Mas “A Valsa da Medusa”, pequeno romance de estréia de Valesca de Assis, não é somente uma recuperação de um dos principais mitos ocidentais, ou um panorama exato da presença alemã no Rio Grande do Sul. É principalmente uma oportunidade para a autora desvendar, com respeito e sutileza, esta sensibilidade tão especial, característica da alma germânica, que pode trazer à tona emoções reprimidas com inesperada violência, num ímpeto desproporcional à sua suposta motivação. Arroubos passionais que irrompem num cotidiano inóspito, num meio que os absorve sem poder questionar mais profundamente suas causas, considerando-os manifestações de entidades malignas que vivem na alma e que, por um descido do auto-domínio, saltam à luz do dia.

Valesca de Assis nos revela esta forma de lidar com conflitos não somente no que é narrado, mas também na construção interrompida do texto enxuto, nos corte abruptos que prescindem do recurso fácil do suspense, arrastando-nos diretamente para o centro da ação ou para imediatamente após, com toques de amargura, lirismo e mesmo humor, “A Valsa da Medusa” trata da angústia que acompanha a universal busca da unidade, da serenidade do todo, e isto pela ótica de uma cultura específica e localizada. É portanto o interesse geral, sabido que é ser mais fácil compreender-nos através de um “personagem interposto”, uma figura com que nos identificamos.

Sem filtros mágicos mas com a magia das complexas relações humanas, das circunstancias criadas pela cultura, pelo meio social e pelo mero acaso, sem a wagneriana identificação entre amor e religião mas com uma história de amor cercada de misticismo, ainda que latente, “A valsa da medusa” é um livro que se lê de um só fôlego e com crescente prazer.

* tradutora do francês e crítica de arte do Jornal do comércio de Porto Alegre.

SÁBADO DAS LETRAS

JORNAL DA MANHÃ

10/06/90. p.07

ARACAJU, Sergipe

A VALSA DA MEDUSA

Valesca de Assis estréia no romance

DOROTHY CAMARGO GALLO

“Ora, quando alguém, depois de anos de incansável busca, se depara com todas as respostas, este alguém tem direito à pressa, não pode arriscar-se a perder”.
(pág.95)

O romance de estréia de Valesca de Assis, “A VALSA DA MEDUSA”, em seus capítulos iniciais tem encadeamento de fatos históricos que acionam perguntas: será este um trabalho de cuidadosa pesquisa e registro de vivências colhidas em sua própria fonte? Não. A autora liberta-se das imposições históricas e passa sua sensibilidade e poder criativo com domínio dos segredos do ofício. Toda riqueza de conhecimentos que orientavam os colonizadores alemães ao transformarem a terra bruta em lugar habitável, e mesclada a imagens convincentes, frases adequadas sem pretensão a grandes efeitos. Conduzindo dessa maneira o leitor chega ao trágico e belo capítulo XIV.

“Da figueira, pende a corda nova, recém-comprada. Um espasmo transpassa o ventre de Pauline, ao constatar que são os pés de Jacob que o cachorro lambe, são os braços dele que se contraem, é a cabeça de Jacob que pende desfalecida. Corre, em desespero, e assim que consegue emitir um som, grita. Grita por ele, sem saber se ainda o ama ou se é o ódio por aquele abandono sem propósito que a faz sofrer tanto”. Ao final, “em suas desesperadas perguntas a um Deus que deveria estar por detrás das nuvens, ela encontra o olhar de Tristan. Desconcertado”.

Só esse capítulo já seria suficiente para saudar Valesca de Assis como ficcionista de trajetória delineada e aguçar a expectativa sobre os trabalhos subseqüentes; sua literatura não se esgotará na “Valsa da Medusa”. O desfecho

do romance vai comover o mais empedernido. Espera-se que essa nova escritora gaúcha encontre guarida na “corte literária” do centro do país.

Dorothy Camargo Gallo (foto)m é professora universitária, contista, crítica de Literatura. Reside em Porto Alegre.

SUPLEMENTO LITERÁRIO MINAS GERAIS

1/01/1990

Ano XXIII, nº 1.149, p. 13

BELO HORIZONTE, Minas Gerais

TRÊS LIVROS

ALDO OBINO

A VALSA DA MEDUSA – O romancista Luiz Antonio de Assis Brasil afirmou ter sido eu o primeiro a registrar o seu romance de estréia e as suas obras seguintes. Eis que recentemente, sua esposa Valesca de Assis, iniciada em sua oficina literária, como obra de labor terminal da PUC deu a lume o pequeno romance com o título acima, de noventa páginas, em impressão média da Editora Movimento e que teve prévia dramatização do texto, com direção de Cláudio Cruz, muito bem proposta por um sugestivo elenco e marcação cênica, no Teatro Renascença, onde, após, foi autografada a obra. O tema é o da imigração alemã no ambiente do Vale do Rio Pardo, em meados do século 18. A autora pesquisou três anos e meio. O temário da presença alemã na colonização gaúcha remonta a Érico Veríssimo e passa por Josué Guimarães e Gladstone Marcico, entre outros. Da busca da presença tedesca teve a autora a inspiração do triângulo amoroso que é o centro do enredo. É um sensível roteiro bem dramatizado no palco e proposto no texto.

JC – JORNAL DO COMÉRCIO

Um jornal Completo

Porto Alegre, 3ª feira 03/07/90

ANO LVII – 29 – Cr\$ 25,00

LIVROS**REGISTRO**

DANILO UCHA

A Valsa da Medusa de Valesca de Assis, revela uma nova ficcionista gaúcha, uma autora que foi buscar em parte da História do rio Grande elementos para manifestar seu talento como narradora – tem uma frase curta e incisiva – e, principalmente, como criadora de situações ficcionais que atraem o leitor. Trata-se de uma pequena novela, um romance curto, marcado pelo romantismo do tema do homem em busca da realização e do grande amor e pelo aventureiro da conquista do Novo Mundo, aqui representada pelas colônias alemãs no interior de Santa Cruz do Sul. Uma boa estréia, sem dúvida, em lançamento da Editora Movimento, 102 páginas.

ZERO HORA (Caderno D)

15/07/90 – pg 8

**A
LUZ
E A
SOMBRA**

CHARLES KIEFER

O mesmo fecho de luz da publicidade que incide sobre alguns nomes da literatura gaúcha produz, por oposição, região de sombra que esconde outros e exclui do democrático e necessário convívio com o público. E engana-se redondamente quem supõe que a qualidade esteja apenas do lado iluminado, consagrada já pelos leitores, pela crítica e pelos meios de comunicação; na **selva obscura** esconde-se se não a melhor parte de nossa literatura, sem dúvida a mais instigante. É o que acontece, por exemplo, com os escritores recentemente lançados pelo IEL, tais como Sérgio Schaeffer (**Rosas do Brasil**), Ernani Ssó (**O sempre lembrado**), Max Mallmann (**Confissão de um Minotauro**), José Túlio Barbosa (**Rastro dos Ventos**), Haroldo Ferreira (**Poço de Luz**), e César Pereira (**Porta de emergência**). Das autoras excluídas desta relação, falarei daqui a pouco. Antes, quero voltar mais uma vez à questão do excessivo espaço publicitário conseguido por alguns escritores em detrimento de outros. Além do **lobby** individual, concorre para o fenômeno a singular falta de leitura de nossos comentaristas literários e o compreensível desprezo dos meios de comunicação pelos autores principiantes. Cabe a nós, portanto, escritores, professores e leitores atentos, anunciar que há mais entre o céu e a terra da literatura do que sonha o fechado clube dos eleitos. Há, por exemplo, Lízia Pessin Adam (**Alfonso e eu**), Maria Helena Weber (**Memórias na pele**) e Valesca de Assis (**Valsa da Medusa**). Falemos de cada uma, em separado, visto que fazem literatura totalmente distinta entre si, dos temas à concepção formal, do estilo à visão de mundo.

Alfonso e eu compõe-se de quinze contos, protagonizados por homossexuais aidéticos, lésbicas desesperadas, rapazes de aluguel, mulheres mal-amadas, drogados, assassinos e outros seres que circulam o submundo ou a

margem da sociedade. Neste confinado espaço de brutalidade, doença e desejo insatisfeito, apesar do olhar terno e compreensivo do narrador, não há lugar para condescendência, romantismo e/ou ingenuidade. Com precisão e paciência, Lízia como que executa, diante de nossos olhos, a autópsia das sexualidades interditas, da hipocrisia da sociedade burguesa, do comodismo e indiferença da classe média. Se espanta a alguns leitores menos avisados pelo naturalismo exacerbado, a outros, que já navegaram nas águas de Henry Muller, Genet e Bukowski, alegra e satisfaz. Não por acaso **Alfonso e eu** veio à tona ao tempo em que pela primeira vez a província assistia, escandalizada, o teatro do sexo explícito. A modernidade pode tardar, mas não falha!

Memórias na pele, de Maria Helena Weber, compõe-se de nove contos, em que os personagens principais são exclusivamente mulheres. Para a autora, “contar as antigas histórias parece inevitável”, mas se são velhos os temas, novos são os ângulos de abordagem e absolutamente pessoais. O discurso fragmentado do primeiro conto, espécie de moldura, porta de entrada para os outros, já anuncia que estamos diante de um narrador ousado e inquieto. Este primeiro narrador é o único sem nome e pode, portanto, ser todos os outros e nenhum, pessoalmente. Na verdade, este “mestre de cerimônias” anuncia a chegada ao livro de Viviane, Carmem, Valéria, Luzia, Ana, Rita, Clara e Natália, nesta ordem. Na medida em que avança, como se descontente com a forma utilizada no conto anterior, Maria Helena experimenta novos modos de narrar. Ao fluxo de consciência, à poesia, à carta, ao script cinematográfico mistura-se a narrativa tradicional. O resultado é um coleioscópio instigante.

A Valsa da Medusa, de Valesca de Assis, diferencia-se dos demais livros não apenas por ser uma novela, mas porque busca o seu tema num passado histórico, o da colonização alemã do estado. Avulta no livro o trabalho de pesquisa, a construção pensada tanto do enredo como das personagens e o estilo real-naturalista, oscilando entre o narrativo e o descritivo. Como se fiel ao tempo sobre o qual se debruça, **A Valsa da Medusa** é exuberante e trágico. Um soldado brummer, mercenário alemão, depois de lutar contra Rosas, acaba detendo-se na colônia de Santa Cruz do Sul e incendiando o coração de uma aldeã. Amor,

loucura, traição e morte sucedem-se num turbilhão, a exemplo dos modelos românticos.

Enfim, três novas autoras que ingressam na literatura com personalidade e segurança. Resta-nos aguardar seus novos lançamentos.

Charles Kiefer é jornalista e escritor. Nasceu em Três de Maio/RS, 1958. Obras: O Lírio do Vale (1977), caminhando na Chuva, Face do Abismo, entre outros.

O CONTINENTE
Ano II, nº 11, Agosto /90
Porto Alegre/RS

DEONÍSIO DA SILVA

(..) Bom, eu queria dizer outra coisa: Valesca de Assis Brasil publicou uma novela chamada **Valsa para medusa**. É candidata a uma das mais importantes estréias deste fim de século. Foi lançada pela Movimento, a mesma que nos idos de 60 publicou Moacyr Scliar. É dirigida pelo Carlos Jorge Appel, que, trinta anos depois, coordena a Secretaria de Cultura do RS. As tramas de **Valsa para medusa** começam quando um soldado (mercenário), logo após a Guerra contra Rosas, embrenha-se pelo interior do RS, ao invés de voltar para a Europa, de cujas cortes tinha vindo, e vai instalar-se em Santa Cruz do Sul, terra natal de Lya Luft. Ali haverá de realizar-se famosa profecia de uma vidente mineira, dando conta de que uma mulher casada, chamada Pauline, mãe de quatro filhos, haveria de apaixonar-se. Contida, mas sabendo dosar sua narrativa, Valesca vai-no contando uma história de amor tecida de sutis complexidades. Mistura poções da História através dos relatos de um viajante europeu (como outros, tão intrometido a entender o Brasil meridional à luz de critérios cartesianos, no que dança) e mostra que tem café no bule. Ou mate na cuia. Uma coisa é certa: a moça sabe escrever.

VERVE

Rio – RJ

Nº 39 Ano IV

Rio de Janeiro, setembro de 1990. p. 32

A VALSA DE VALESCA

V.B

CRITICA

QUIXOTE

A VALSA DA MEDUSA. Valesca de Assis. Ed. Movimento, 102 págs.

Uma história de amor. A valsa de uma Medusa mais terna do que aquela da mitologia grega, mais igualmente capaz de enfeitiçar. De paralisar um homem e incendiá-lo de amor. História ambientada no Rio Grande do Sul na 2º metade do século XIX, entre imigrantes alemães. Feliz reconstituição da colônia de Santa Cruz do Sul, enfeixada pelo desenrolar de uma paixão contida. Uma Medusa sufocada pelo sonho de prosperidade (“eu vim no Louise Emilie, eu naufraguei, eu ajudei os homens a remar, eu fiz esta terra”) e por um outro sonho – apenas esboçado – de amor. Um mercenário alemão, desincorporado da tropa, buscando preencher sua vida e paralisado por esta mulher. Uma paixão pontilhada de desastres, mortes e a rudeza de um mundo em construção. Parte da nossa história contada com impossibilidade da realização amorosa. A luta contra a natureza, o trabalho para garantir a sobrevivência e o compromisso com um projeto de ascensão econômica calam este par amoroso. E sua dança se realiza no silêncio, em gestos que não se completam. (VB, Vítor Biasoli).

Kronika & Quixote

Nº211 – 1990

“A VALSA DA MEDUSA”

Uma abordagem sobre estrutura e marcação de personagens

JOSÉ ALBERTO DE SOUZA

Segundo a mitologia grega, Medusa teria sido uma jovem que, por haver ofendido Minerva, foi castigada tendo seus longos e maravilhosos cabelos transformados em serpentes e seu olhar ganhando o poder de petrificar que os fitasse. A partir desta colocação passamos a entender o significado do título “A Valsa da Medusa”, obra com que Valesca de Assis faz sua estréia como romancista. À medida que o drama evolui, compreendemos perfeitamente as danças dos personagens com seus “demônios do coração”.

Enfeixado em 92 páginas e apenas 18 capítulos, um roteiro ágil entremeado por diferentes perspectivas do narrador logo nos conduz ao clima desta ficção. A história que cativa o leitor em sua transferência adquire força na reconstituição de toda uma época decorrida há quase século e meio. A riqueza dos detalhes levantados através de pesquisa séria, nos faz sentir Porto Alegre, Rio Pardo, Santa Cruz, Rio Pardo, Faxinal, Rio de Janeiro, Brasil e Europa ganhando vida naqueles tempos. As informações são transmitidas ao atual e se aprende com gosto até mesmo a influência do regime de chuvas e ventos à navegação da Lagoa dos Patos.

A marcação dos personagens nos permite analisar a importância de cada um no contexto da novela. Tristan Waldvogel é de longe o que mais de salienta, está presente em 72 páginas (78%) além de concentrar em si mesmo o foco narrativo em 12 capítulos (onisciente seletivo, 3º pessoa). É a criatura carente, de vida marcada pela tragédia – “Tristan será seu nome porque nascido da minha tristeza” – que busca transferir um desconhecido afeto materno a um amor idealizado através de suas andanças como **brummer** querendo “completar o vazio imemorial que o impede de existir por inteiro”.

Pauline Eick é a personagem que secunda Tristan: a sua marca aparece em 42 páginas (46%) e como foco narrativo (3º pessoa) nos capítulos VII e XIV

que tratam de suas confidências a Cláudia Santo Roque e de suas reflexões acerca do dilema Jacob e Tristan. Retrata-se nela a mulher determinada e sensível que se deixar influenciar pelas mandingas da amiga e guarda consigo a poção milagrosa para salvar a vida do amado e enfeitiçar-lhe a vida.

O ritual desse amor proibido começa a ser desvendado através da indiscrição de Ingrid Marie Eick, a filha adolescente de Pauline e Jacob, explicando à sua maneira, quase um fluxo de consciência, todo o jogo de interações entre os ambos de sua família. É “eu” testemunha que faz contraponto ao narrador onisciente nos capítulos II, VI, X e XVI, com crédito de 25 páginas (27%).

Um dos elementos do triângulo é Jacob, marido de Pauline, que se apresenta em 23 páginas (25%) – “um estrangeiro em seus domínios” – o homem inadaptado à sua realidade, deslocando todo o sentido de sua vida para o filho Theodor. Este, o elo capital na corrente familiar, atrai atenção de todos, a vivacidade correndo solta nas reminiscências, conforme mostram 16 páginas (17%).

Robert Avé Lallemand, médico alemão que faz amizade com Tristan durante viagem de inspeção extra-oficial às colônias, e João Martinho Buff, diretor da colônia de Santa Cruz, se igualam em participação através de 21 páginas (23%) e significam pelos opostos quanto ao estabelecimento daquele personagem na região.

Em 19 páginas (21%) surge a figura da avó, a **Oma**, com a forte influência de raízes e tradições completando a formação do ambiente doméstico.

Para não alongar esta exposição, restaria ainda dizer do misticismo nativo de Cláudia Santo Roque como que mexendo este caldeirão de costumes (pasmem: 13 páginas, 14%), das troças de Lise com Ingrid, das implicâncias com Catharina Ullmann “feia como um susto”, da dedicação do médico Dr. Schnapp nos momentos cruciais na vida familiar, diluídos cada qual em apenas 10 páginas (11%).

A Notícia

Segundo Caderno/Contracapa

22-23/12/90

Ano 57, n° 5.168

São Luiz Gonzaga/RS

OS MELHORES

NEWTON ALVIM

O mercado editorial brasileiro teve um bom ano de lançamentos, apesar da crise. Antes que alguém me pergunte, digo que os melhores livros que li em 90 foram **Boca do inferno**, de Ana Miranda, **Agosto**, de Rubem Fonseca, **O chafariz dos turcos**, de Sergio Faraco, e **A valsa da medusa**, de Valesca de Assis.

São livros que dificilmente o leitor larga até chegar ao final.

A Notícia

05-06/01/91

Ano 57, nº 5.172, p. 04

São Luiz Gonzaga/RS

A VALSA DA MEDUSA

Saga dos Colonos Alemães no Rio Grande do Sul

VALESCA DE ASSIS acaba de lançar o excelente romance “A VALSA DA MEDUSA” (Ed. Melhoramentos, 90), fundamentado em pesquisas históricas e criado nesse pano de fundo, comovente relato de amor. Professora de filosofia, sua obra possui subsídios para a meditação do leitor, ao mesmo tempo em que a destreza e agilidade narrativa compõem um texto de alto nível literário.

PATRÍCIA BINS

Valesca, “A Valsa da Medusa”, seu romance de estréia, mergulha na saga dos colonos alemães do extremo sul do país. Poderíamos começar falando sobre suas próprias origens, a infância da escritora, pais, avós e as influencias recebidas na terra natal.

Penso que o fato de ter trabalhado o tema da colonização alemã no Vale do Rio Pardo deveu-se mais, no plano emocional, a uma necessidade de reconhecimento do passado, do que a influências diretas recebidas na infância. Na verdade, nunca cheguei a viver na região. Nasci em Santa Cruz do Sul porque minha avó lá residia, e, na época, as filhas iam ter seus bebês na casa da mãe. Minha família morava a quinhentos quilômetros de Santa Cruz, e a viagem para lá era tão longa e penosa que, um dia, indaguei de minha mãe: - Por que, se vamos quase todos os anos à Alemanha, nunca vimos neve? Pode-se deduzir, por aí, o quanto aquela realidade era estranha para mim, inclusive a língua, da qual infelizmente nada sei. As poucas palavras alemãs utilizadas em **A Valsa da Medusa** são fruto de pesquisa... No entanto, eu recebia informações de que aquela linguagem, aqueles costumes diferentes, de algum modo faziam parte da minha história. Assim, já adulta, eu era uma espécie de caule sem raízes. Julgo ser esta a explicação para ter abordado tal assunto em meu primeiro livro.

Como lhe ocorreu a idéia de escrever o romance e que fatos pessoais motivaram-na a fundamentar a obra na segunda metade do século passado, focalizando a colônia de Santa Cruz?

De início, interessei-me por tudo o que dissesse respeito à colonização alemã na região. Comecei a pesquisar, com o inestimável auxílio do Prof. Hardy Martin, Diretor do Arquivo Histórico e do Museu do Colégio Mauá de Santa Cruz. O Prof. Martin me abriu todas as portas possíveis e forneceu preciosas indicações. No curso das pesquisas deparei-me com os **brummer** (oficiais e soldados alemães contratados pelo Império Brasileiro para lutar contra Rosas, em 1851). Aquelas figuras, desde logo, me fascinaram. Em contraste com a apatia política e cultural dos colonos que já habitavam a região – apatia plenamente justificável pelas próprias razões que os fizeram sair da Alemanha –, os **brummer** eram homens de formação superior, com idéias socialmente avançadas e uma visão de mundo mais abrangente e crítica. Eles sacudiram as colônias, difundiram a cultura alemã entre os próprios alemães, condenaram o isolamento em que viviam e serviam de ponte para a integração com os brasileiros. Assim, o tempo histórico da narrativa foi antes determinado pelos protagonistas do que pela autora.

Um dos personagens centrais do romance, Tristan Waldvogel, era soldado brumer, recém – retornado da Guerra contra Rosas. Os brummer, tidos como simples mercenários, a serviço de qualquer bandeira, na sua história, são desmistificados, mais parecendo aventureiros em busca do Santo Graal (ou Santo Amor). Conte-nos algo a respeito destes soldados e de Tristan, em particular, de suas dores e de sua paixão por Frau Pauline.

Temos que considerar o papel dos brummer dentro o contexto em que viveram. Lutar era uma profissão como outra qualquer. Empregar-se num e noutra exército era contingência da demanda de mão-de-obra para essa especialidade. Assim, não se pode atribuir aos brummer o conceito atual de mercenários. A vinda para o Brasil, por exemplo, resultou da necessidade de aprimoramento do exército

Imperial para enfrentar as questões de fronteiras do Sul. Os oficiais e soldados vieram como profissionais das armas, com os devidos contratos de trabalho. Naturalmente, por detrás da escolha daquela atividade nômade, estava, para alguns, a inquietação existencial de buscar um sentido para a vida, onde quer que ele estivesse. Foi esse, em tese, o caso do protagonista. Mesmo sendo um personagem de ficção, não deixará de ser representativo de um conjunto de indivíduos “reais”. Tristan, particularmente, parece ter encontrado sua razão de viver no amor de Pauline.

Em seu livro, inclui, entre os personagens, o viajante-cronista nomeado Robert Lallemant, representando os corajosos europeus que muitas vezes percorriam o Brasil, de norte a sul, (Saint-Hilaire foi dos mais famosos), a registrar impressões da terra “exótica”, em diários ou em gravuras e pinturas (Rugendas, Debret, Franz Post, por exemplo). Achei bela homenagem. Que dados positivos descobriu relacionados a esses viajantes europeus que aportaram no sul?

Os relatos de viagem sempre me fascinaram. Admiro essas pessoas que, situando-se à frente do seu tempo, abriram janelas para novos mundos. E, no caso dos viajantes estrangeiros que nos visitaram no passado, temos uma visão “de fora”, às vezes crítica, às vezes ingenuamente espantada que vem a realçar fatos e situações aparentemente corriqueiras e que a tradição oral não guardou em detalhes. Agora mesmo leio “Impressões de Viagem na Província do Rio Grande do Sul” (1875-1887), de Maximiliano Beschoren, onde o autor narra, no ponto em que estou, uma Festa do Divino, com Cavalhadas e tudo mais, a que assistiu em santo Ângelo, em 1881. O que mais o impressiona é o caráter profano da festa sobrepondo-se ao plano religioso.

Outra personagem a mineira Cláudia Santo Roque, e portanto “brasileira”, está bem urdida na trama ficcional. É “dada a ler a sorte nas linhas da mão e na borra do café”. Além de prever futuros nem sempre

felizes (como no caso de Tristan e Paulina). Pessoalmente, como você encara a “ciência” da parapsicologia?

Cláudia Santo Roque representa, na história, o elemento mágico que permeia os mitos e explica a aparente inexorabilidade do Destino. Pessoalmente, sigo com respeito e interesse os estudos sobre o potencial ainda desconhecido da mente humana. Afora isso, as possíveis soluções mágicas me atraem muito, mesmo que sejam uma ficção...

Você inicia o romance com a epígrafe: “Senhores, gostaríeis de ouvir uma história de amor e morte?” Extraída do “Tristão e Isolda” Wagneriano. À página 80, menciona a paixão de Pauline por Tristan, que, ao ler Werther, de Goethe, se identifica com palavras daquela obra “temo, temo multíssimo – dizia Carlota a Werther – que seja apenas a impossibilidade de me possuir que faça você desejar-me com tanto ardor”. Fale sobre sua visão dos amores possíveis e impossíveis. Considera-se uma romântica?

O amor é sempre possível, embora às vezes encontre obstáculos para se materializar numa relação. A paixão é o fogo renovador que dá sentido à mesquinhez do cotidiano. E, aqui, falo em paixão em todos os sentidos: um trabalho, um pessoa, uma religião, uma ideologia. Particularmente, tenho muitas paixões: a família, os alunos, a literatura. São paixões “lúcidas”, fogos domados, no sentido de entender que os objetos da minha paixão não me pertencem. Estão aí, no mundo, para serem sujeitos e objetos de suas próprias paixões. Mas, romanticamente, espero que não me esqueçam.

Quais suas leituras de cabeceira? As de ontem e as de agora?

Minha cabeceira é uma montanha de livros. Preciso ler muito mais do que consigo. Na época da faculdade, apaixomei-me por Sartre, Simone de Beauvoir, Kafka (estudei Filosofia !). Depois, Eça de Queirós, Machado de Assis, Guimarães Rosa. A descoberta dos escritores gaúchos foi muito importante para mim.

Sempre, à minha cabeceira, tenho pelo menos um livro de autor gaúcho. A identificação histórica – a par da qualidade da produção literária do Rio Grande do Sul – me é essencial. Gosto também muito dos mineiros, tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão próximos. Aprecio a afetividade com que trabalham a palavra.

Quem considera seus maiores incentivadores, na carreira literária?

Minha terapeuta, que descobriu, antes de mim, que era capaz de realizar meus sonhos; meu instrutor na Oficina de Criação Literária, que generosamente me ensinou a dominar (em parte!) as técnicas narrativas; Sérgio Faraco que, ao criticar acidamente meu primeiro trabalho (impublicável, mesmo!), me ensinou a ter paciência e a me preparar melhor; Antonio Hohlfeldt e Charles Kiefer, que leram os originais de A Valsa da Medusa e deram o seu aval; Glênio Fahrion, com observações que aprimoraram o trabalho, e Carlos Appel, editor, que apostou na obra. Se mais pessoas não me estimularam, à época, foi porque não sabiam que eu estava escrevendo. Hoje, publicado o livro, tenho recebido inúmeros sinais de aceitação e também de cobrança de novas obras. Que estímulo é maior que esse?

RIO GRANDE CULTURA

Julho/Agosto/91

Ano 3, nº 16, p. 04-05,

Porto Alegre, RS